

NETNOGRAFIA: DIFICULDADES DE UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL

NETNOGRAPHY: DIFFICULTIES OF A VIRTUAL ETHNOGRAPHY

Felipe Bonomi de Lima¹

Recebido 28/01/2021; aceito em 16/08/2021

DOI 10.36066/compcs.v2i24.12575

Resumo: Comunidades virtuais, assim como vários agrupamentos sociais, são também objetos valiosos de estudo. Nesse contexto virtual, a etnografia se faz ferramenta valiosa para estes estudos, porém em um meio diferente, o virtual, não é de se estranhar novas dificuldades possam surgir, obrigando o pesquisador a reinventar sua pesquisa e seu trabalho. Nesse momento cabe a pergunta: Quais as dificuldades da netnografia? E ainda: Como contorná-las?

Palavras-chave: Netnografia; etnografia; comunidades virtuais.

Abstract: Virtual communities, as well as various social groups, are also valuable objects of study. In the virtual context, ethnography becomes a valuable tool for these studies, but in a different medium, the virtual, it is not surprising that new difficulties may arise, forcing the researcher to reinvent his research and his work. At this point, the question is: What are the difficulties of netnography? And yet: How to get around them?

Keywords: Netnography; ethnography, virtual communities.

Introdução

Ao analisar produções netnográficas, tendo como suporte a base de dados Web of Science™, Mesquita (2018) e associados produzem uma análise relevante sobre o uso das metodologias netnográficas em pesquisas acadêmicas. Apontando um crescimento significativo nos trabalhos que seguem essa vertente da etnografia.

A Etnografia já conhecida se origina na Antropologia Social com os estudos de Malinowski (1978), trazendo a proposta de um estudo aprofundado de comunidades, que como Cavedon (2003) define tem como propósito compreender o estilo de vida e cultura das sociedades estudadas e observadas.

Já a netnografia, termo utilizado por Kozinets (1997), apresenta uma proposta de metodologia derivada da etnografia, que corresponde ao estudo e análise de comunidades virtuais.

Artigos como de Mesquita (2018) e também de Polianov (2013), usando como base os estudos de Kozinets, autor que publica artigos e livros sobre o assunto desde 1997, debatem

¹ Mestrado em Ciências Sociais - Universidade Estadual de Maringá. av. Colombo, 5790, 87020900- Maringá - PR. felipebonomi@hotmail.com

sobre netnografia e etnografia, suas diferenças e dificuldades, dialogando com reflexões como a de Sá (2005, p.33) que afirma que a netnografia é uma “reivindicação de uma atitude/atividade eminentemente interpretativista, sustentada pela prática da observação participante”.

A cada trabalho realizado o pesquisador sério precisa se munir de ferramentas que capacitem e validem a qualidade dos seus dados. Dessa maneira, análises e questionamentos metodológicos são importantes não apenas por uma questão linguística, mas também para um esclarecimento sobre as diferentes ferramentas que os pesquisadores podem utilizar.

Entender como se dá a construção de conhecimento e como se utilizar das ferramentas metodológicas é o que causa. Os desafios da ciência não devem desviar o pesquisador (Mesquita, 2018), mas sim servir como incentivos para que o pesquisador possa seguir as orientações de Bourdieu (1989), que o trabalho do pesquisador como o de procurar, indagar, questionar o mundo, principalmente aquele que rodeia o pesquisador.

Dentro desse aspecto, embora muito ainda possa ser debatido em torno das questões linguísticas, e até mesmo sobre as diferenças entre netnografia e etnografia, algo que não deve passar despercebido é que estudos de comunidades virtuais estão sendo realizados.

Trabalhos que trazem consigo não somente dados referentes aos agrupamentos sociais que observam, mas também experiências práticas e dificuldades encontradas no trabalho de campo.

Para continuarmos esse debate, iremos considerar que a netnografia como um ramo virtual da etnografia, seguindo como é definida por Kozinets (2014, pp.61-62) uma “pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online” que “usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal”, sendo que a netnografia, como aponta Kozinets, representa:

(...) a tentativa de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes online e off-line de compreensão cultural, e de reconhecer que, como entrevistas ou semiótica, a netnografia tem seus próprios conjuntos de práticas e procedimentos exclusivamente adaptados que a distinguem da conduta de etnografia face a face (Kozinets, 2014, p.62).

Partindo dessa compreensão sobre o que é netnografia, o convite é para que observemos a metodologia de pesquisa netnográfica como um objeto de estudo. Para esse feito, é possível observar e debater os contratemplos enfrentados por LIMA (2020) em sua pesquisa de mestrado, onde em meio ao seu estudo teve que lidar com o arquivamento da comunidade que observava.

Comunidades virtuais, mas não imortais

O senso comum pode nos induzir a pensar que se algo está na internet, estará na internet para sempre. No entanto, não é bem assim que a internet funciona.

O fim do Orkut em 2014 já demonstrou na prática como comunidades virtuais podem (ou não) morrer. Porém, não é preciso que o site seja fechado, saia do ar, para que uma comunidade acabe.

Trazer o exemplo do Orkut é bastante peculiar, pois em seu trabalho de mestrado, Lima (2020), acompanha a comunidade Survivor Downloads, um grupo formado por fãs do reality show Survivor. A peculiaridade se faz presente pelo fato de que, ironicamente, o grupo escolhido como foco de estudo iniciou sua história justamente pelo orkut, se manteve unido e migrou ao facebook, onde ironicamente acabou sendo arquivado.

Segundo Lima (2020):

“O caminho da comunidade parecia estável, mesmo oscilando a participação dos membros da comunidade durante os períodos de hiato entre uma temporada em outra, tudo caminhava de forma aparentemente tranquila, como em todos os anos anteriores.” (LIMA, 2020, p.56).

Esse relato é importante pois demonstra que o pesquisador nunca deve ficar seguro em relação ao seu objetivo de estudo. Por mais tranquila que a comunidade possa transparecer muitas coisas podem acontecer.

No caso dessa comunidade específica, como nos conta Lima (2020), o que abalou suas estruturas foi o surgimento de um site especializado. Uma nova plataforma que trouxe consigo novos moderadores e fomentou a criação de um novo agrupamento, literalmente uma nova comunidade virtual, que atraiu os frequentadores de uma comunidade a outra e culminou na decisão dos administradores em arquivar a comunidade inicialmente observada.

Jenkins (2009), quando analisa as comunidades virtuais já alertava que:

[...] essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outro, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. (JENKINS, 2009, p. 57)

Como esta afirmação de Jenkins (2009) nos esclarece a afiliação dos participantes de grupos como do estudo em questão, dos grupos de consumo de seriados e reality shows, é um tipo de participação que permite com que casos como esses aconteçam.

Em outras palavras, um indivíduo que hoje participa de forma engajada em uma comunidade pode, no dia seguinte, mudar seus interesses e sua forma de ação. Se hoje assisti um seriado, amanhã poderei assistir outro. Se hoje participa e faz publicações em um grupo, logo mais pode estar envolvido e ativo em outros grupos.

Ou seja, sua participação não é fixa, nenhum indivíduo tem obrigação de participar de uma comunidade virtual. Moderadores podem se desinteressar pelo trabalho voluntário que realizam. Ausência de novos episódios ou novas teorias podem esfriar o envolvimento e conseqüentemente as comunidades criadas em torno de produções seriadas. Assim como o surgimento de outro site e outra comunidade, mesmo que sobre o mesmo assunto, pode também atrair e causar uma migração de indivíduos.

É compreensível que o pesquisador, ao se deparar com uma situação como esta, fique momentaneamente sem rumo.

Porém, é em momentos como este que a netnografia mostra seus vínculos com a etnografia. O pesquisador, tendo bases sólidas, pode se utilizar de soluções e orientações de diferentes frentes para se portar frente aos imprevistos.

Angrosino (2009) define a etnografia como a descrição de um povo. Um trabalho que não é fácil, principalmente quando no campo virtual, onde rastrear dados sobre diferentes usuários pode ser tão complicado.

Em sua obra “Argonautas do Pacífico Ocidental” Malinowski (1978) traz uma visão bem clara de como imaginar o trabalho etnográfico. O autor diz: "Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista” (MALINOWSKI, 1978, p. 19). Essa descrição do autor permite imaginar o cenário descrito, permite que o leitor

ao ler seu trabalho consiga fechar seus olhos e imaginar a aldeia, o barco e os diferentes fatores e fenômenos relatados.

Porém, o trabalho netnográfico traz consigo o agravante de ser feito virtualmente. Vínculos e laços que criam, fortalecem e unem as comunidades digitais são muito mais turvos.

Não que o trabalho netnográfico seja necessariamente mais difícil ou complicado, mas sim que é igualmente muito complexo, sendo que as falas Geertz (2001, p. 20) sobre etnografia uma descrição extremamente pertinente..

O autor afirma que:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (Geertz, 2001, p. 20)

O mesmo pode ser dito sobre a netnografia.

Casos como o de Lima (2020) mostram como o campo virtual também pode ser confuso, estranho e cheio de elipses e incoerências.

Nesse ponto, é possível lembrar das falas de Malinowski (1978). Seja na etnografia ou na netnografia é de extrema importância o relato honesto de todos fatos e dados, somente assim a pesquisa terá valor científico irrefutável. É preciso, em um trabalho sério, que seja possível distinguir claramente os resultados da observação direta, as declarações e interpretações nativas das inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica.

A reflexão que intento atingir ao retomar lições vindas da etnografia tem como objetivo reverberar sobre o trabalho acadêmico, especialmente no processo de decisão dos pesquisadores.

Todo projeto pode encontrar contratempos e são nesses momentos que o responsável precisa demonstrar suas qualidades pessoais, principalmente seu cabedal de conhecimento como cientista social. Momentos de imprevistos práticos e teóricos exigem não somente tranquilidade para entender e refletir sobre situação enfrentada, como também conhecimento das possibilidades teóricas que permitam aproveitar a oportunidade para explorar novas metodologias e campos teóricos.

Uma pesquisa não precisa seguir do começo ao fim a metodologia e as teorias levantadas inicialmente no início do projeto. Na verdade, pelo contrário, quanto mais um trabalho científico conversa e dialoga com outras metodologias e teorias, mais rico o produto final se torna.

Nesse sentido é pertinente observar as escolhas realizadas por Lima (2020) em seu trabalho. Mesmo usando a netnografia de Kozinets (2015), com forte influência dos ensinamentos de Jenkins (2009), o autor não se omite quando precisa optar por outros caminhos.

Em tempo, ressalto que ao analisar e citar as escolhas do autor no momento da execução de seu trabalho não pretendo afirmar que ele fez as opções certas ou erradas. Muito menos de que todos deveriam tomar ou evitar os mesmos caminhos. Viso apenas refletir sobre é necessário analisar bem e muitas vezes buscar outros caminhos para dar continuidade ao trabalho que está sendo realizado, mesmo que para isso seja preciso recorrer a outras metodologias e teorias.

Quando, mesmo que de maneira tímida, Lima (2020) nota diferenças na forma de consumo e torcida entre os fãs brasileiros e americanos do reality show Survivor, é importante que o autor escolha questionar a Cultura da Convergência apresentada por Jenkins (2009).

Mesmo sendo um autor respeitável e reconhecido internacionalmente, Jenkins não é o dono da verdade. As teorias e descobertas propostas pelo professor norte-americano podem não representar o mesmo para uma comunidade diferente, mesmo que seja um agrupamento que fale sobre o mesmo assunto ou tenha propostas parecidas com a observada originalmente.

Nesse aspecto, Lima (2020), diz:

Embora a massificação da internet tenha permitido de fato um acesso mais robusto a diferentes conteúdos, que a cada dia podem ser consumidos por mais e mais cidadãos, isso não quer dizer que todos irão consumir da mesma forma, muito menos interagir com outras pessoas em torno do conteúdo da mesma maneira.” (Lima, 2020, p.89)

O que essa fala nos esclarece e reforça é justamente sobre a importância da pesquisa científica social. Dados adquiridos quando se observa uma comunidade não necessariamente se aplicará sobre outras, mesmo que seja em uma comunidade muito parecida. Como observa Lima (2020), o fã de Survivor brasileiro não irá consumir e se portar da mesma maneira que o fã norte-americano, mesmo que ambos estejam vendo o mesmo show. Ao perceber essa diferença o autor pode então trazer para diálogo as falas de Appadurai (2004), questionando o

processo de americanização, mostrando como o processo de cultivação não é plano, nem genérico.

Mesmo que existam influências, essas influências não serão as mesmas em todos os públicos. Sendo um processo muito mais amplo e que envolve muitos mais fatores que o consumo, mas também valores culturais anteriores que podem ser muito variados, permitindo que cada pesquisa venha a apontar para resultados diferentes. (Lima, 2020, p.94).

Além dessa divergência teórica sobre a teoria da convergência, destaco também a opção por buscar novos embasamentos metodológicos e teóricos para continuar seu trabalho, onde seguindo orientações de Latour (2012), o autor persistiu em sua pesquisa trazendo informações sobre a reestruturação do grupo, entendendo que:

As formações de grupos deixam muito mais traços em sua esteira do que as conexões já estabelecidas, as quais, por definição, devem permanecer mudas e invisíveis. Se um dado conjunto aí está pura e simplesmente, então é invisível e nada pode dizer a seu respeito. O conjunto não deixa rastros e, portanto, não gera nenhuma informação; se é visível, está se fazendo e gerará dados novos e interessantes. (LATOUR, 2012, p. 54)

Como dito anteriormente, não afirmo que a escolha foi certa ou errada, mas ao se deparar com uma situação imprevista o autor acerta em buscar opções para continuar sua pesquisa.

Ao se deparar com o fim do seu objeto de pesquisa é muito compreensível que um pesquisador, seja graduando, mestrando ou doutor, se preocupe com a situação enfrentada. De fato não é uma situação fácil, porém a escolha por seguir o trabalho é imprescindível, independente da escolha que seja feita. Por isso afirmo que, nesse ponto, Lima (2020) acerta ao procurar outros caminhos.

A opção do autor em questão foi analisar e relatar não somente o grupo que existia, mas refletir também sobre o reagrupamento e a importância dos mediadores para a permanência e existência dos grupos.

Em tempo, ao analisar os acontecimentos em torno da comunidade que observava Lima (2020, p.61) aponta alguns pontos que podem ajudar pesquisadores em situações parecidas, dos quais destaco dois:

Primeiro: “a possibilidade de uma nova análise para o pesquisador ao se deparar com um processo de reagrupamento em seu grupo de pesquisa”.

Não é sempre que iremos nos deparar com essa situação, mas é importante compreender que durante o estudo de comunidades virtuais é possível encontrar momentos onde exista não só a criação de uma nova comunidade ou um reagrupamento, mas também o arquivamento, o fim, deste agrupamento.

Nesse ponto, é necessário compreender que por mais assustador que possa parecer para o pesquisador situações como estas não simbolizam o fim das possibilidades de reflexões e debates em torno do objeto de estudo.

Segundo ponto ressaltado pelo autor é sobre a necessidade de observar “o preparo de um grupo para lidar com novos mediadores”, pois segundo Lima (2020, p.61), este é um fator que “pode levar a uma reformulação ou até mesmo um reagrupamento”.

Observações valiosas e que podem contribuir muito para pesquisadores que possam vir a se deparar com situações similares, onde venham se encontrar com o reagrupamento ou até mesmo o fim do seu objetivo de pesquisa.

Também são ponderações importantes pois, afinal, pesquisas sociais (não só as netnográficas) são passíveis de muitos questionamentos. Como Hsing e Souza (2013) apontam é sempre muito relevante questionar e contestar a aplicabilidade na netnografia, sendo este um método de pesquisa que precisa de uma boa avaliação dos seus critérios de confiabilidade e validade, assim como também a (im)possibilidade de triangulação das informações levantadas.

Considerações Finais

Nenhum pesquisador inicia seu trabalho sabendo exatamente o que irá encontrar pelo caminho. Por mais preparado que esteja, muitos imprevistos podem saltar meio ao caminho, forçando que o pesquisador se reinvente e às vezes até mesmo descubra informações muitas vezes inesperadas.

Durante a realização da pesquisa muitos detalhes são observados, sendo que alguns podem passar despercebidos ou simplesmente serem deixados de lado no corpo da pesquisa por não serem considerados relevantes, já que muitas vezes pouco podem afetar os objetivos gerais da pesquisa.

Porém, existem casos como do estudo relatado neste artigo, onde um detalhe simples, um surgimento de outra comunidade com o mesmo assunto, pode se tornar um fator de destaque que altere de maneira irremediável os rumos de uma pesquisa.

Fatos como estes podem acontecer em uma pesquisa virtual. Comunidades podem se reagruparem ou até mesmo serem arquivadas, encerradas. Mas, cabe ao pesquisador a qualidade de manter a paciência, reorganizar seus dados e buscar a melhor maneira de abordar a nova situação que observa em sua pesquisa.

Com esse intuito, a recomendação final é para que o pesquisador sempre busque enriquecer tanto seu arsenal teórico como metodológico. Conhecer outras metodologias e outros pensamentos podem auxiliar em momentos de dificuldade e de imprevistos.

Além disso, complemento com algumas dicas finais.

I) Não tenha medo de buscar embasamento de outros campos.

II) Não tenha medo de buscar posicionamento de orientações especialistas do campo antropológico, especialmente etnográfico.

III) Esteja atento às mudanças tecnológicas, estendo a par da evolução e do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação.

IV) Esteja atento à atuação dos mediadores e membros de destaque das comunidades observadas.

Por fim, ressalta ainda a importância de trabalhos analíticos sobre o método netnográfico, especialmente referente a trabalhos brasileiros. Como Mesquista (2018), ainda hoje o principal trabalho, em número de citações, sobre netnografia é um guia do próprio Kozinets, que cunhou o termo.

Digo isso pois, aprendendo com o exemplo do trabalho analisado nesse artigo, podemos também abrir as portas para refletir em trabalhos futuros também cada vez mais sobre as diferenças e dificuldades do trabalho netnográfico em grupos brasileiros ou regionalizados.

Referências

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOURDIEU, P. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. Lisboa: Difel, 1989.
- CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

HSING, C. W.; SOUZA, C. A. **A metodologia de netnografia aplicada a sistemas de informação**: investigação de comunidades virtuais de processos de negócios. In: SEMEAD-SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 2013, São Paulo. Anais... São Paulo: FEA-USP, 2013. p. 1-15.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA - EDUSC, 2012.

LIMA, Felipe Bonomi. **Navegando no mar sériemaniaco**: Convergência e divergências no consumo de seriados. UEM. 2020. Disponível em: <http://www.pgc.uem.br/producao/dissertacoes-1/2018>. Acesso em 11, JAN, 2020.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MESQUITA, R. **Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia**. In.: Perspectivas em ciência da informação. 07/03/2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2998>. Acesso em 11, JAN, 2020.

POLIANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. In.: Esferas. 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>. Acesso em 11, JAN, 2020.

SÁ, Simone. **O samba em rede** – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

DOI 10.36066/compcs.v2i24.12575